

DESAFIOS EDUCACIONAIS DA ERA DIGITAL: ADVERSIDADES E POSSIBILIDADES DO USO DA TECNOLOGIA NA PRÁTICA DOCENTE

Educational challenges of the digital era: adversity and possibilities of the
use of technology in teaching practice

Inara Machado Moretto¹; Jarbas Dametto².

¹ Formanda do curso de Pedagogia - Licenciatura, da Universidade de Passo Fundo. E-mail: inara.moretto@gmail.com

² Doutor em Educação e professor da Universidade de Passo Fundo.

Data do recebimento: 27/06/2018 - Data do aceite: 14/09/2018

Resumo: Um dos fenômenos em destaque na sociedade contemporânea é a crescente dependência do uso da tecnologia no cotidiano das pessoas. Encontramo-nos na era digital e, explícita ou implicitamente, o uso dessas ferramentas digitais está presente diariamente, seja como forma de lazer, de trabalho ou de estudo. Visto que a educação necessita caminhar em conjunto com a evolução da sociedade, o campo educacional precisa adaptar-se ao uso das novas tecnologias, integrando-as ao seu cotidiano de forma produtiva. Este trabalho, construído a partir de revisão bibliográfica, visa definir o conceito de era digital e qual sua relação com a educação; explorar as dificuldades pelas quais a escola e os professores vêm passando em função da inserção das tecnologias digitais no cotidiano dos alunos; e compreender de que forma essas tecnologias já estão sendo utilizadas no contexto escolar, e se tais práticas se traduzem em fins significativos que visam ampliar o intelecto e a humanização dos alunos, ou apenas como uma inclusão banal de novos instrumentos ou uma reedição de práticas tradicionais sob novos meios. Busca-se com esse resgate bibliográfico e com essa reflexão, problematizar os potenciais pedagógicos das mídias digitais, a fim de que a revolução digital possa, também, transformar positivamente a aprendizagem escolar.

Palavras-chave: Era digital. Informatização. Educação. Didática.

Abstract: One of the prominent phenomena in contemporary society is the increasing dependence on the use of technology in people's daily lives. We are in the digital age and, explicitly or implicitly, the use of these digital tools

is present daily, either as a form of leisure, work or study. Since education needs to move in tandem with the evolution of society, the educational field must adapt to the use of new technologies, integrating them into its daily life in a productive way. This work, based on a bibliographical review, aims to define the concept of the digital age and its relation with education; to explore the difficulties that the school and the teachers have been experiencing due to the insertion of digital technologies in the students' daily life; and understand how these technologies are already being used in the school context, and whether such practices translate into meaningful ends aimed at broadening students' intellect and humanization, or just as a banal inclusion of new tools or a re-editing of traditional practices under new means. This bibliographical search and reflection is aimed at problematizing the pedagogical potentials of digital media, so that the digital revolution can also positively transform school learning.

Keywords: Digital age. Informatization. Education. Didactics.

Introdução

Um dos fenômenos em destaque na sociedade contemporânea é a crescente dependência do uso da tecnologia no cotidiano das pessoas. Nos encontramos na era digital e, explícita ou implicitamente, o uso dessas ferramentas digitais está presente em todos os momentos do nosso dia a dia, seja como forma de lazer, de trabalho ou de estudo. A ação que a informatização exerce nas mais diversas experiências é visível, pois, de certa forma, as tecnologias digitais prometem facilitar e dar praticidade à vida das pessoas, inscrevendo-se cada vez mais em suas rotinas.

Visto que a educação necessita caminhar em conjunto com a evolução da sociedade, dirige-se ao campo educacional uma demanda por adaptar-se ao uso das novas tecnologias digitais. Mas a questão é: de que forma essas tecnologias estão sendo utilizadas no contexto escolar? Para fins significativos que

visam ampliar o intelecto e a humanização dos alunos ou apenas como uma ferramenta banal que meramente renova antigos métodos, ou mesmo, acaba por prejudicar as aulas? É preciso definir o conceito de era digital e qual sua relação com a educação antes de mais nada, compreendendo quais as adversidades e também as possibilidades que a tecnologia oferece para a prática docente, bem como apresentar formas de mediações positivas para o educador utilizar a inclusão digital a favor da aprendizagem escolar.

Com relação ao uso da tecnologia, vemos atualmente uma inversão inédita de *status*: os mais jovens possuem mais familiaridade com recursos técnicos do que os adultos que deveriam conduzi-los para o contato com a cultura. Os alunos da era digital possuem conhecimento prático sobre as ferramentas digitais desde muito cedo, condição que não é a mesma da de muitos dos professores, que frequentemente não possuem tal conheci-

mento e acabam desarmados em meio a tanta informação e ao repertório de possibilidades. Sem um auxílio, muitos desses docentes acabam criando certa resistência ao uso das ferramentas tecnológicas e, simplesmente, as proíbem ou ignoram, o que pode comprometer o bom andamento de suas disciplinas, pois isso repercute como um descompasso de ritmo, interação e linguagem frente aos alunos da era digital.

Dado esse cenário, este escrito busca, por meio de um debate teórico e do resgate de experiências descritas pela literatura educacional, problematizar as potencialidades e os riscos do ingresso dos recursos digitais junto à educação formal. Pretende-se, com isso, dar alguma contribuição ao debate acerca da urgente necessidade de conciliação entre a tecnologia digital e a escola, que se faz necessário para que a educação se redimensione a seu tempo, e continue sendo um local privilegiado de inscrição eficaz do sujeito em seu mundo.

O Conceito de Era Digital e sua Relação com a Educação

Após o surgimento das primeiras instalações de redes de computadores em meados dos anos 1990, as facilidades e novidades do mundo digital têm modificado a sociedade velozmente. Em conjunto com a tecnologia vieram muitas inovações, incluindo novas profissões que antes da internet não existiam ou não eram reconhecidas. Novas ferramentas para auxiliar o dia a dia das pessoas surgem progressivamente, assim, problemas podem ser solucionados sem ao menos sair de casa. Em contrapartida, a situação atual da humanidade é de crescente dependência da tecnologia, pois quase todos os setores da sociedade contemporânea estão aderindo à informatização. Como destacam Mello e Teixeira (2007), as novas tecnologias estão

alterando o comportamento individual e social no mundo todo, e cada vez mais a comunicação entre as pessoas ocorre através do *ciberespaço*.

Estamos falando da chamada “era digital”. Com o fácil acesso aos conteúdos *on-line*, pessoas de todo o mundo podem se comunicar instantaneamente, expor suas ideias, pesquisar sobre os mais diversos assuntos, fazer compras, aprender outros idiomas, enfim, é possível “viajar” sem sair de casa. De acordo com Gómez (2015, p. 14), “na era da informação digitalizada, o acesso ao conhecimento é relativamente fácil, imediato, onipresente e acessível.” Marcon e Teixeira (2009) também vão ao encontro desta ideia quando nos falam que as tecnologias de rede tornam os processos diários flexíveis, adaptáveis e horizontais, tornando todos os sujeitos agentes participativos. Isso reflete no surgimento de uma nova pedagogia intrínseca às novas tecnologias.

Gabriel (2013) relata em seus escritos que estamos saindo da era da informação, modelo de sociedade com base em máquinas e entrando na era da inovação, que é fundamentada em *bits*, redes sociais *on-line*, tecnologia *mobile*. Tais mudanças configuram um universo cada vez mais fragmentado, ampliador de possibilidades de comunicação e, conseqüentemente, de aprendizagem. Nesse sentido, a educação formal até então empreendida precisa passar por mudanças significativas para adaptar-se a esse novo modelo de sociedade.

Gabriel (2013) exemplifica nos dizendo que antigamente fazia sentido a criança aprender apenas fórmulas e conteúdos, pois as mudanças tecnológicas eram lentas. Desta forma, tais fórmulas seriam úteis por no mínimo trinta anos, que seria o tempo da carreira profissional do sujeito. Agora, com a rapidez que os conhecimentos mudam, não podemos resolver um problema novo com apenas fórmulas antigas. Na era digital, faz-se preciso

ter criatividade, vontade de experimentação e pensamento crítico para solucionar os desafios do cotidiano. A autora sustenta a ideia de que a escola deve ensinar o espírito de inovação frente às novas possibilidades da sociedade, mas, infelizmente, o que se percebe é que a educação atual continua a fazer o que fazia no século passado: ensinar apenas fórmulas prontas.

Mello e Teixeira (2007) também refletem nesse sentido, nos dizendo que hoje é possível vermos um novo tempo, em que diferentes culturas e interesses procuram um novo reconhecimento de si mesmos, a fim de que possam, nesse novo espaço virtual, exercer cidadania.

Se olharmos para trás, no campo educacional, o professor sempre teve que inovar e procurar novas formas de preparar suas aulas e conquistar a atenção dos alunos. A diferença é que agora rapidamente surgem novas tecnologias e a escola tem que estar em constante atualização e busca de conhecimentos. Sabemos que o novo geralmente provoca receio, mas são tempos de mudança e até mesmo os alunos que nasceram nessa era digital precisam de auxílio dos professores para selecionarem bons conteúdos digitais, pois sabemos que nem tudo que se encontra na rede é seguro, o que pode implicar em situações de perigo. Segundo Gabriel (2013, p. 104), isso implica em uma reconfiguração da função do professor:

[...] o professor, que antes funcionava como um filtro de conteúdo, passa a ter um valor essencial como interface, para auxiliar a navegação no mar de informações. A validação da informação e reflexão para analisá-la e construir significados, na realidade, passa a ser uma das principais habilidades da era digital.

Nesse sentido, a mediação do educador continua sendo primordial para que não ocorram prejuízos aos alunos, pois o educador

deve ser um guia de seu alunado, visto que ele passou por processos formativos primeiramente e, potencialmente, possui melhor capacidade de discernir sobre a veracidade das informações. Além disso, o professor possui a didática necessária para explicar os conteúdos e gerar situações que viabilizam ao aluno a internalização do conhecimento, pois apenas ter acesso a algo não garante a sua aprendizagem. Nesses termos, ao professor caberia promover um contato propriamente pedagógico com a massa de informações que estão ao alcance dos alunos.

Infelizmente, a prática mostra o despreparo da escola e de seus agentes para essa transformação, o que resulta em obstáculos para ambos os lados, discente e docente. O novo milênio trouxe uma geração de crianças imersas em tecnologias digitais, implicando em uma inversão de papéis: as crianças acabam ensinando os pais e professores a utilizarem as novas tecnologias.

Em suma, a sociedade mergulha cada vez mais nas águas da era digital e a escola não pode ficar à parte dessas inovações se quiser conquistar seus alunos os fazendo sentir curiosidade pelos conteúdos programáticos, bem como a seguir cumprindo seu papel de inserção dos sujeitos na cultura. Para além das fragilidades orçamentárias e de gestão que historicamente acometem a educação formal, e que implicam em uma escola tecnologicamente defasada, cabe ao professor certo protagonismo diante dessa causa, ao transformar o modo como percebe e se relaciona com o mundo digital. Como pondera Gómez (2015, p. 29), ao afirmar que:

Nós, docentes, devemos nos dar conta de que não é aconselhável apenas fornecer informação aos alunos, temos que ensiná-los como utilizar de forma eficaz essa informação que rodeia e enche as suas vidas, como acessá-la e avaliá-la criticamente, analisá-la, organizá-la, recriá-la

e compartilhá-la. As escolas devem se transformar em poderosos cenários de aprendizagem, onde os alunos investigam, compartilham, aplicam e refletem.

A reflexão acerca das novas metodologias tecnologicamente mediadas, bem como a capacitação dos alunos para uma relação consciente e crítica com conteúdos virtuais, não se trata mais de um aditivo à educação, mas sim, de uma necessidade premente. Para tanto, o educador necessita vencer barreiras e envolver-se em novas tecnologias em conjunto com seus alunos, utilizando essas mudanças a seu favor na prática docente. Assim teremos aulas com troca de conhecimento, diálogo e compreensão, como idealiza o modelo freiriano de educação, modelo cronologicamente anterior à era digital, mas condizente com uma cultura de ampla difusão, produção e compartilhamento de saber.

Adversidades e Possibilidades do Uso da Tecnologia na Prática Docente

No cenário em que vivemos, a informatização domina todos os setores da sociedade, causando impactos não só no cotidiano profissional das pessoas, mas principalmente trazendo severas mudanças e questionamentos para a educação brasileira. A docência e a didática procuram novos significados, a medida em que educadores e aparelhos eletrônicos disputam a atenção dos educandos diariamente.

Vemos as tecnologias e sua relação com a educação como uma faca de dois gumes. De um lado, imensas possibilidades do novo fazer pedagógico, vinculado a uma reformulação dos conceitos de didática que, mediante as novas necessidades da sociedade contemporânea, utilizam a era digital a favor da aquisição de conhecimento e humanização

do indivíduo. De outro lado, é descoberto um novo mundo de perigos e de sedentarismo intelectual, no qual, de acordo com Lourdes Santos Garcia (apud GIRAFFA, et al., 2012), o obstáculo maior se torna avançarmos na mesma rapidez das mudanças tecnológicas, visto que mal temos tempo para “estudar, assimilar e analisar o que já existe quando outra gama de programas e informações já é colocada na rede.” (GIRAFFA, et al., 2012, s/p).

Nesse sentido, é importante compreender que, como propõe Giraffa et al. (2012), não podemos esquecer de que a internet é uma valiosa e expansiva rede de informação. Há conteúdos que não estão regulamentados e que, dessa forma, se misturam, como verdades, meias verdades e mentiras. Além de informações valiosas, também existe muito material tendencioso, ética e politicamente questionável, inclusive desprezível, que surge ao sujeito, muitas vezes, inesperadamente, sem aviso prévio.

Seguindo essa lógica, Giraffa, et al. (2012) nos trazem a ideia de que encontrar as mais variadas informações com acesso tão fácil e instantâneo, como acontece nos dias atuais, faz com que o aluno tenha medo de expor suas ideias originais, ou até mesmo perca o entendimento de como expressar-se sem ajuda de textos prontos encontrados na internet. Desse modo, a autora destaca:

O fato é que precisamos refletir sobre nossas práticas diárias em sala de aula, o que estamos fazendo para estimular nossos alunos à leitura, para despertar neles a curiosidade e a busca do novo que brota sem parar e que só poderá ser compreendido e decifrado por meio da pesquisa e da elaboração intelectual própria. (GIRAFFA, et al., 2012, s/p).

Por isso, a figura do professor se torna tão importante na era digital, e não enfraquecida

e dispensável como muitos pensam. Diante de todas essas informações apenas jogadas em rede, é imprescindível o educador ao lado dos alunos, sendo capaz de orientar seus educandos, fornecendo parâmetros do que é útil e verídico e o que não é confiável ou seguro na internet. Tal orientação cabe a muitas situações, desde o contato com assuntos acadêmicos, evitando plágios e leituras intelectualmente inadequadas, como até assuntos mais pessoais, visto que, infelizmente, a internet esconde pessoas mal-intencionadas, que visam efetuar golpes, abusos e extorsões. O professor, nesse âmbito, pode capacitar seu alunado para não ser vítima de crimes desse gênero, mas, para isso, também ele deve compreender esta ampla gama tecnológica, para então conseguir abordar tais assuntos em sala de aula sem incorrer em preconceitos e clichês.

Hoje, se o aluno tem alguma dúvida, ele não necessita recorrer tão somente ao professor, pois tem inúmeras ferramentas *on-line* que lhe dão resposta para os mais diversos questionamentos. Além disso, as redes sociais são ferramentas que capturam muito a atenção dos jovens, pois conectam pessoas de qualquer lugar do mundo, instantaneamente. A internet viabiliza uma gama extremamente ampla de possibilidades, habituando os alunos à maneiras novas de direcionar sua curiosidade, de relacionar-se e de dedicar a atenção.

Desse modo, os professores pertencentes à outra geração, para a qual a velocidade das informações não era tão acelerada, acabam criando certo receio de usar tecnologia em suas aulas, agindo apenas com proibições voltadas ao sistema de ensino conservador. Aí encontramos um grande erro da educação atual, pois além dos alunos perderem o interesse pelas aulas muito tradicionais, o educador deixa de operar muitas oportunidades de conquistar sua turma por meio de

recursos da era digital e seu potencial de gerar experiências participativas.

Nesse viés, Moura e Brandão (2013) realizaram pesquisa na qual entrevistaram educadores da educação básica pública e privada para melhor compreender o suposto receio que os professores têm acerca do uso pedagógico das tecnologias em sala de aula. Nesta pesquisa, ficou notória a grande quantidade de professores que demonstram insatisfação quando questionados sobre a disciplina que ministram e o interesse dos educandos em sala de aula, porém, assumem que utilizam algumas ferramentas tecnológicas apenas com a finalidade de reprodução e não de criação, pois pensam que o uso desses recursos não é fácil. Entretanto, expuseram que, mesmo com apenas a finalidade de reprodução, os alunos tornam-se mais interessados quando tais ferramentas são utilizadas em sala de aula.

Na opinião dos entrevistados a falta de tempo para o planejamento de atividades que possam contemplar o uso das tecnologias digitais também é um fator relevante. Nas palavras de um dos educadores entrevistados, “[...] a maioria dos professores não leva seus alunos para o laboratório de informática porque não tem domínio tecnológico e também porque eles perdem o controle da aula.” (MOURA; BRANDÃO, 2013, p. 11).

No entanto, percebe-se que os professores já compreendem a importância das novas tecnologias para a vida acadêmica, porém nota-se que a resistência ainda é visível e prejudicial, visto que os educadores precisam ser eternos aprendizes para renovar suas aulas e avançar junto com os progressos tecnológicos.

Como propõe Paiva (2015), a reação típica frente a uma nova tecnologia é de desconfiança, assim como, por vezes, de demasiada expectativa de solução. É em uma apropriação cotidiana gradual que uma nova tecnologia passa a ser incorporada às atividades sociais e linguísticas, acabando

por adentrar também ao campo pedagógico. Nesse processo de “normalização”, a tecnologia deixaria de ser temida, bem como de ser depositária de todas as esperanças salvacionistas.

Obviamente, esse processo de inclusão da tecnologia em sala de aula não é uma mudança que ocorre do dia para a noite. Como nos afirma Freire (1996, p. 104), “é decidindo que se aprende a decidir.” Os primeiros passos devem ser dados pelos educadores, pois a era digital está aí e não há como fugir das inovações que emergem cotidianamente. Os alunos da era digital acabam perdendo o interesse naquilo que não é dinâmico e interativo, em função disso, a escola deve romper barreiras e auxiliar os professores a superar o receio em relação às tecnologias digitais. A inclusão digital se apresenta como possibilidade de inovar a prática docente, atribuir significado a essa prática e garantir a expansão da aula real, unificando a ação presencial às atividades tecnologicamente mediadas.

Mediações Positivas para o Educador Utilizar a Inclusão Digital a Favor da Aprendizagem Escolar

Compreendida a importância do entrosamento saudável entre inclusão digital e escolarização, bem como a possibilidade de se fazer uma nova pedagogia condizente com a era digital, cabe à escola pensar em mediações positivas para utilizar essas novidades tecnológicas, a favor do ensino-aprendizagem dos alunos. Devemos pensar na tecnologia e nas suas ferramentas como um complemento positivo à educação, que se for usado com inteligência pelos educadores, poderá trazer muitos benefícios para a experiência formativa dos estudantes e da comunidade escolar em geral.

Apesar da força e rapidez com que a era digital avança sobre nós, em todos os setores da sociedade contemporânea, ainda vemos poucas mediações¹ positivas efetivas no contexto escolar. Nota-se algumas políticas públicas em fase de implementação e alguns esforços isolados sendo realizados por professores e escolas de nosso país.

Por parte do governo, já vemos programas educacionais sendo criados para incentivar as escolas a utilizarem tecnologias. O programa educacional chamado ProInfo, que, segundo consta no *site* do MEC, trata-se de um programa educacional que tem o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de Educação Básica. Para tal, recursos digitais, computadores e conteúdos educacionais relativos às novas tecnologias são disponibilizados para as escolas mediante cadastro e seletiva no programa.

Ainda, nesse viés, temos o programa PROUCA, que significa “Programa um computador por aluno” e, segundo o *site* do FNDE, ele foi instituído pela Lei nº 12.249, de 14 de junho de 2010, e objetiva

[...] promover a inclusão digital pedagógica e o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem de alunos e professores das escolas públicas brasileiras, mediante a utilização de computadores portáteis denominados *laptops* educacionais. O equipamento adquirido contém sistema operacional específico e características físicas que facilitam o uso e garantem a segurança dos estudantes. Foi desenvolvido especialmente para uso no ambiente escolar. (BRASIL, 2018)

Giraffa et al. (2012) associa o PROUCA não só à distribuição de aparelhos digitais para os alunos e os professores levarem para casa, mas a uma chance de os indivíduos explorarem suas possibilidades pessoais e construírem autonomia à medida em que resolvem processos que promovam reflexão.

Nesse âmbito, é importante o educador planejar suas ações pedagógicas para mediar essas atividades de forma que visem à construção de aprendizagens.

A autora acima citada nos traz um exemplo importante. Com a chegada do programa PROUCA, uma turma de quarto ano, na cidade de Porto Alegre, organizou-se para escreverem juntos um livro que relatasse as primeiras impressões sobre a chegada dos *laptops* na comunidade escolar e como os equipamentos estavam sendo utilizados. Cada aluno escreveu um capítulo e, depois, confeccionaram um livro impresso. Esse exemplo nos mostra como a informatização pode trabalhar a favor da educação. Vemos nesse caso, de acordo com a autora, compartilhamento de ideias e descobertas, liberdade de expressão e exteriorização do pensamento.

Silva (2015), em sua pesquisa, nos apresenta a plataforma Educopédia. Um ambiente de apoio colaborativo desenvolvido pela Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, no qual podemos encontrar diversas pastas de arquivos com conteúdos para educação infantil, anos iniciais e finais, educação inclusiva e educação de jovens e adultos. Todos os materiais disponíveis nessa plataforma são lúdicos e visam trabalhar os conteúdos programáticos de forma dinâmica e interativa, buscando chamar a atenção dos alunos sem serem maçantes. Possuindo um ambiente com tecnologias multimídia a disposição da escola, é possível planejar aulas dinâmicas complementares para fixação dos conteúdos trabalhados.

Giraffa et al. (2012) também apresentam a possibilidade do uso pedagógico de *blogs*²:

Utilizar *blogs* como uma ferramenta para criação de conteúdo digital não apenas pelo professor, mas também pelos seus alunos, possibilitará ao docente compreender o nível de aprendizagem e também motivará o aluno a aprender coisas novas

além de mostrar àqueles que estão fora da escola a autoria de seus projetos.

Nesse sentido, compreendemos que atividades desse segmento aguçam a curiosidade dos alunos de todas as faixas etárias, propiciando a importante autonomia que tanto falamos e a participação ativa nas aulas, apropriação e disseminação de conhecimento, o que se desdobra em ótimos resultados no processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos. Com os alunos da educação infantil não é diferente, visto que temos *sites* específicos para as crianças aprenderem ludicamente.

A plataforma *Smartkids* (<https://www.smartkids.com.br>), de acordo com Lucia (2012), apresenta jogos pedagógicos que contemplam conceitos curriculares como, por exemplo, as cores, datas comemorativas, conteúdos matemáticos e alfabéticos, exploração geográfica e do corpo humano, além de conteúdos para pesquisas em formato multimídia. Tudo que encontramos no *site* foi planejado para o público infantil.

Não só em *sites* específicos o professor pode encontrar atividades didáticas prontas, mas também o *Google* pode servir como uma ótima ferramenta de suporte pedagógico. No *Google Maps*, ou no *Google Earth*³, por exemplo, o aluno pode aprender sobre leitura de mapas, localização geográfica, latitude e longitude, investigar o globo terrestre e pensar espacialmente.

Além de atividades específicas para os alunos, encontramos também uma gama de *sites* e aplicativos que podem auxiliar exclusivamente o professor a planejar suas aulas. Nesse sentido, Silva (2015) aponta o Banco Internacional de Objetos Educacionais, um repositório educacional criado por iniciativa do MEC. Nessa plataforma, o educador encontra diversos exemplos de recursos tecnológicos que podem ser articulados ao seu plano de aula, como, por exemplo, víde-

os, animações, livros digitais, entre outros recursos de aplicação pedagógica.

Até mesmo na área de gestão, encontramos aplicativos que auxiliam na organização das atividades escolares. Um exemplo é o *I-Educar*, gratuito e idealizado pelo Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Pesquisando no *site* é possível constatar que:

O *I-Educar* é um *software* de gestão escolar que centraliza as informações de um sistema educacional municipal, diminuindo a necessidade de uso de papel, a duplicidade de documentos, o tempo de atendimento ao cidadão e racionalizando o trabalho do servidor público. O *software I-Educar* auxilia na gestão das informações educacionais, disponibilizando aos Diretores, Secretários de Educação e Prefeito informações da rede de ensino em tempo real, por meio de um sistema com banco de dados centralizado e totalmente *web*. (BRASL, 2018).

Essas são apenas algumas das opções a que o educador, em conjunto com a escola, pode aderir para agregar interatividade e tecnologia às suas aulas. É necessário que os professores conheçam e tenham interesse na era digital, afinal, é dever da escola apropriar-se dessas novas linguagens tecnológicas para manter-se sempre atualizada e, dessa forma, apresentar as novidades aos alunos dentro de uma perspectiva formativa, que vise o ensino-aprendizagem e não como algo banal ou desnecessário, como muitas vezes vemos no âmbito do senso comum.

À medida em que a sociedade contemporânea evolui, a escola deve caminhar lado a lado dessa evolução, proporcionando didáticas atuais e formas de ensino que façam sentido para os alunos nascidos nessa era tecnológica. Só assim, a escola deixará de perder o interesse das crianças e adolescentes.

Posturas proativas como o interesse e vontade de aprender, aceitação do novo,

busca de exemplos positivos de como usar as tecnologias de uma forma pedagógica, discutir entre colegas um projeto que cause impacto na aprendizagem do aluno, são atitudes que a escola pode ter e que não se resumem apenas ao auxílio financeiro governamental. A era digital está cada vez mais intrínseca na nossa sociedade e nós, como educadores, precisamos refletir sobre a temática para nos apropriarmos dessa nova cultura, utilizando-a como algo útil para toda a comunidade escolar.

Considerações Finais

Percebe-se que a inclusão digital não pode mais ser desprezada ou simplesmente deixada para depois. Tal realidade abrange todos os setores da sociedade contemporânea e na comunidade escolar não é diferente. Assim, procura-se formas de realizar um novo modelo do fazer pedagógico, para que a escola recupere a curiosidade de seus alunos sobre os conteúdos programáticos, planejando aulas mais atrativas e formas de didática que façam sentido para o alunado nascido na era digital.

O modelo tradicional de ensino, baseado em parâmetros tradicionais conservadores, precisa ser repensado e, no lugar desses métodos, nos quais os alunos permanecem em filas, sem direito ao diálogo, devem ser proporcionados momentos baseados em uma pedagogia participativa, na qual alunos e professores troquem conhecimentos e construam aprendizagens conjuntas.

A rapidez com que as mudanças tecnológicas avançam, pode trazer benefícios ou prejuízos. Por isso há importância na criança se familiarizar com esse novo modelo de sociedade, não só em casa, mas principalmente na escola, onde há a mediação de um educador capaz de lapidar seus conhecimentos prévios. Os educandos têm as informações

e o educador tem o conhecimento do que é útil ou impróprio, assim alunos e educadores podem aprender juntos. Faz-se preciso ter criatividade no âmbito escolar, vontade de experimentação e pensamento crítico para solucionar os conflitos impostos pela sociedade atual.

Sabemos que essa mudança não se faz do dia para a noite. Primeiramente, a comunidade escolar deve conhecer os benefícios e os perigos das ferramentas digitais, pois a *internet* possibilita o alcance de conteúdos diversificados, além de oferecer o compartilhamento de ideias com pessoas de qualquer lugar do mundo. Nesse âmbito, o educador compreender os desafios que essas novidades podem trazer é imprescindível para auxiliar seus alunos na escolha correta dos materiais digitais. É necessário que a escola ajude e incentive os seus educadores a aprenderem cada vez mais sobre as novas tecnologias e como elas podem auxiliar o processo pedagógico.

Percebemos que na literatura encontramos muitos *sites* confiáveis que possuem atividades didáticas diversas e que podem ser

acessadas sem custo financeiro. Nesse sentido, o educador deve agir como pesquisador e necessita procurar conhecer mais a temática, fazendo uso da tecnologia como algo que vem para agregar às aulas. Interessar-se em realizar aulas mais atrativas é o ponto inicial e a escola deve auxiliar o profissional docente nessa caminhada de mudanças e inovações que caminha a educação atual, fazendo com que se perca o receio de utilizar as novas tecnologias.

Em suma, compreende-se a importância de aderir às novidades produtivas que a era digital nos proporciona, utilizando no dia a dia acadêmico tais tecnologias como um *plus* para as aulas. Vemos que se forem escolhidas formas corretas de utilizar as ferramentas tecnológicas a favor da aprendizagem escolar, teremos grandes benefícios para a educação, que infelizmente vem perdendo a atenção de seus alunos gradativamente. Nunca se fez tão importante a figura do educador, auxiliando as crianças na escolha de conteúdos corretos e relevantes, levando sua didática para o meio tecnológico e retomando sua postura de mediador de conhecimentos.

NOTAS

¹ Atualmente, na área da educação, o conceito de mediação leva à expectativa de uma relação de reciprocidade entre o indivíduo e as possibilidades do conhecer e do aprender. (ZANOLLA, 2012).

² *Blogs* são páginas da *web* cuja estrutura permite que o sujeito a atualize e a administre sem ser preciso ter domínio técnico em informática. É possível publicar artigos de assuntos específicos ou variados, imagens, músicas, entre outros que o administrador preferir compartilhar.

³ *Google Maps* é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra, fornecido e desenvolvido pela empresa *Google*. Já o *Google Earth* é um programa de computador desenvolvido pela mesma empresa, cuja função é mostrar imagens de satélite, mapas, terrenos e construções em 3D, das galáxias do espaço sideral aos cânions dos oceanos. Pode-se explorar um vasto conteúdo geográfico.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **I-Educar**. Modernize o processo de gestão escolar com o I-Educar. Disponível em: <<https://softwarepublico.gov.br/social/i-educar>> . Acesso em: 07 abr. 2018
- BRASIL. **ProInfo**: Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/proinfo>> . Acesso em: 07 abr. 2018.
- BRASIL. **PROUCA**: Programa um computador por aluno. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/proinfo/eixos-de-atuacao/programa-um-computador-por-aluno-prouca>>. Acesso em: 07 abr. 2018.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GABRIEL, M. **Educ@r - A (r)evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- GIRAFFA, L. M. M. [et al]. **(Re)invenção pedagógica?** Reflexões acerca do uso de tecnologias digitais na educação. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012. Disponível em: <<http://upf.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788539701605>>. Acesso em: 26 de mar. 2018.
- GÓMEZ, Á. I. P. **Educação na era digital**: a escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.
- MELLO, E. F. F.; TEIXEIRA, A. C. Um processo de inclusão digital na hipermodernidade. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, XVIII, São Paulo. **Anais...** 2007, v. I. p 58-68, 2007
- MOURA, E.; BRANDÃO, E. **O uso das tecnologias digitais na modificação da prática educativa escolar**. **Revista Científica Fazer**, v. 1, n. 1. 2013, p. 1-17. Disponível em:< <http://www.legiaodacruz.com.br/wp-content/uploads/2016/09/Artigo-Eliane-Moura-e-Edemilson-Brand%C3%A3o-.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2018.
- PAIVA, V. L. M. de O. O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica. In: JESUS, D. M. de; MACIEL, R. F. (Orgs.) **Olhares sobre tecnologias digitais**: linguagens, ensino, formação e prática docente. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol. 44. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p.21-34. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/techist.pdf>> Acesso em: 20 set. 2018.
- SILVA, E. A. da. **O uso de dispositivos tecnológicos na educação**: concepções dos licenciandos para a prática pedagógica. Dissertação de Mestrado - Mestrado em Educação, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2015.
- TEIXEIRA, A. C.; MARCON, K. **Inclusão digital**: experiências, desafios e perspectivas. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.
- ZANOLLA, S. R. da S. O conceito de mediação em Vigotski e Adorno. **Psicologia & Sociedade**. Universidade Federal de Goiás, v 24, p. 5-14, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/02.pdf>> Acesso em: 21 abr. 2018.